

SAGRADO E PROFANO: NOVAS ABORDAGENS DE MÚSICAS PENTECOSTAIS NO NORDESTE BRASILEIRO ENTRE OS ANOS 1990 E 2006

Elivânia Augusta da Silva[1]

Resumo
O movimento pentecostal ao longo dos anos se expandiu e conquistou espaços que antes as igrejas históricas não alcançavam. Tal feito foi possível, e em especial no Nordeste, devido a capacidade de abstrair e adaptar-se as culturas locais. A partir de uma ótica regionalista, observamos que parte da música produzida nessa região expressa em sua composição influências de ritmos locais, acrescidas de uma letra musical poética que nos lembra uma literatura de cordel. Dessa forma, temos como objetivo entender a relação entre o sagrado e o profano, que ganha espaço no imaginário daqueles que escrevem e vivem o universo pentecostal, e sua imersão com ritmo regional. Para entender essa correlação vamos utilizar o conceito de Representação de Roger Chartier; para análise do discurso Mikhail Bakhtin; e para entender a questão regional, o conceito de regionalismo, proposto pelo historiador Durval Muniz. Entender essas relações ajuda-nos a refletir sobre os usos e costumes dos pertencentes a esse credo religioso, e de como tal fato é interpretado na realidade.

Palavras-chave: Pentecostalismo. Sagrado. Regionalismo.

Introdução

As letras das canções *gospel* de características pentecostais possuem, em sua formação adjetivos que as diferem das outras músicas pertencentes a esse gênero musical. Palavras bastante comuns como fogo, azeite, unção, benção, libertação são utilizadas para alcançar um público consumidor, que identifica nessas músicas estratégias de controle emocional, pois podemos afirmar que a música pentecostal "é uma manifestação caracterizada pela espontaneidade na relação com o sagrado, de uma maneira que permite, aos fiéis, a exposição de manifestações pessoais de gratidão, entrega, exclamações e diálogos intra e inter-devocionais." (SILVA, 2013, p. 17).

[1] Graduada em História pela Universidade Católica de Pernambuco. Especializando-se em Ensino de História do Brasil pela Faculdades Integradas da Vitória de Santo Antão – FAINTVISA.
E-mail: elivania162010@hotmail.com



Sergio Buarque de Holanda no seu clássico livro *Raízes do Brasil* já afirmava que "no Brasil é precisamente o rigorismo do rito que se afrouxa e se humaniza." (2014:180). Essa religiosidade sentimental, espontânea, alegre e expansiva nos ajuda a compreender a avanço do movimento pentecostal no Brasil, como também do Neopentecostalismo, pois por mais que tenham características diferentes, possuem atributos que os unem.

Conceito Pentecostal e Neopentecostal

Sabemos que o Brasil foi o lugar onde se germinou e se expandiu, infiltrando no mundo da política, as questões referentes ao mundo pentecostal e seus campos de pesquisas sobre esse universo. É importante frisar que assim como qualquer outra religião, o pentecostalismo influenciou e influencia nos costumes, nas leis e no imaginário de uma sociedade, principalmente daqueles que professam a fé protestante, ou seja, podemos perceber que a religião, de uma maneira ou de outra, molda e ajuda na formação de um campo social.

Seu início aqui se deu com a chegada das chamadas Igrejas Pentecostais clássicas: Congregação Cristã no Brasil e as Assembleias de Deus entre 1910 – 1911, consideradas o primeiro surto ou leva como alguns estudiosos chamam. Seguindo o modelo das Assembleias, surgiram em 1950, as igrejas O Brasil para Cristo, Evangelho Quadrangular, que compõe o segundo surto. Na década de 1970, a formação da Igreja Universal, da Deus é amor abriu um novo momento no *ethos* religioso brasileiro, denominado Neopentecostalismo.

As definições de Pentecostalismo e Neopentecostalismo foram trazidas dos Estados Unidos da América (EUA), local onde aflorou o dito Pentecostal. Para Gerson L. de Moraes, o conceito de Neopentecostal se tornou um dos conceitos que servem para tudo (2010: 5). Ele também afirma que:

> Ao mesmo tempo em que explica tudo, não diz nada, pois parte de uma realidade historicamente situada e permanente, não levando em consideração as mutações e flexibilizações que o campo religioso brasileiro tem passado, especificamente o subcampo pentecostal, em que esse termo é aplicado em demasia e quase nunca de forma crítica (2010:5).



Da mesma forma, Antônio Gouveia Mendonça aponta que “Até agora, o termo “neopentecostal”, com todos os problemas que traz, nos tem servido de referência. Como referência precária porque não se ajusta às novas religiões que pretende agrupar”. (2007:98).

Isso levanta uma boa discussão sobre o uso dos conceitos ao trabalhar a questão religiosa, principalmente no subcampo brasileiro que está em constante transformação pelas rupturas que promovem, como também pelas suas continuidades. E isso se apresenta no momento em que pessoas de diferentes camadas sociais, ao aceitar a fé protestante levam consigo no imaginário e nas suas práticas, certas características, ou seja, continuidades, uma delas são os ritmos musicais. Entre as igrejas protestantes, muitos são os questionamentos sobre o crescimento das igrejas neopentecostais. O que as difere das igrejas protestantes históricas[2]?

Levando em consideração sua forma ritualística simples, vemos que o que mais chama a atenção é o interesse que pessoas pouco letradas possuem em cima de todos esses processos ritualísticos dessa doutrina, visto que nas igrejas históricas, o membro precisa se aprofundar na teologia Bíblica, para compreender a sua fé. Entretanto, nas igrejas de segmento Neopentecostal, seus membros não são ensinados assim, na verdade, são levados apenas a ouvir o principal interlocutor na figura do pastor, bispo ou apóstolo, que interpretam a mensagem bíblica ligando a cura de males sociais como a pobreza, a fome e a violência através da cura e libertação. Entendemos que:

> O Protestantismo histórico não fará concessões ao ambiente cultural brasileiro porque o vê como algo mudado, a ser transformado. Pelo contrário, o Pentecostalismo brasileiro vive no estágio da re-existência, ou seja, ele é marcado pela capacidade de re-existir, de se re-significar, de se reinventar. O fulcro do Pentecostalismo é essa flexibilidade, que lhe permite insistir em existir de forma criativa, adaptando-se às novidades que despontam de tempos em tempos na estruturação da sociedade brasileira mesmo que está se apoie em pilares antigos de sentimentalismo, a perspectiva intuitiva e o pensamento mágico, em matéria de religião. (MORAES, 2010, p. 12).

[2] Igrejas formadas no calor da reforma protestante - Batista, Presbiteriana, Luterana e etc.



Se observamos as Igrejas Pentecostais da primeira leva, da segunda e as Neopentecostais, em todas elas encontramos processos de rupturas e continuidades, ou seja, o movimento segue adaptando-se às novidades fixando-se cada vez mais na cultura popular brasileira. Neste detalhe, compreendemos que assim como a religião pode e consegue moldar e construir uma sociedade, essa mesma sociedade "se moldando" pode ocasionar algumas transformações dentro de determinada religião para que esta, consiga se adaptar e fazer com que aqueles que a constitui consigam se sentir parte desta, enquanto religião.

Música Pentecostal Regional

Antes de abordamos sobre a questão regional nas músicas, se faz necessário uma imersão entre música e religião para buscar compreender melhor a discussão. As primeiras Igrejas Pentecostais, as chamadas históricas, como abordamos no tópico acima, possuem seu hinário próprio, exemplo, a Harpa Cristã das Assembleias de Deus. Se analisarmos a Igreja Cristã no Brasil, até hoje instrumentos como: a bateria, guitarra eletrônica, contrabaixo, violão, não são incrementados nos seus templos, permanecendo a utilização de instrumentos de sopro ou ditos clássico. Ou seja, permanece firme nos costumes de sua formação.

Com a chegada do movimento Neopentecostal, este introduziu dentro do universo pentecostal novos ritmos, tais como *funk, rap, rock, axé, pagode, forró* que antes eram fortemente combatidos. Almeida (2010:122) aponta que "tais gêneros foram retirados do universo midiático secular e ressignificados nas práticas musicais dos pentecostais que agora os dotam de sentido religioso após a inserção de uma nova letra e um propósito diferente".

> Nesse sentido, a variedade da produção musical agrupada sob o mesmo termo – música gospel - contribui para uma tentativa de estabilização de uma identidade evangélica e do fortalecimento da ideia da existência de uma unidade entre os cristãos, no Brasil e globalmente (BANDEIRA, 2017, p. 201).

Se antes os ritmos populares eram rejeitados no meio evangélico, com o advento desses novos ritmos criou-se um mercado consumidor amplo. Na qual não apenas existiria as canções dos hinários oficiais, mas agora músicas de ritmos diversos que pregam a fé pentecostal, com o gênero *gospel*. Construindo com isso, uma janela



em que as pessoas que professam a fé protestante não se deixavam influenciar por músicas ditas profanas. Dividindo assim o sagrado e o secular.

Mircea Eliade ao trabalhar a dicotomia entre sagrado e profano, revela que:

> [...] o homem religioso se esforça por manter-se o máximo de tempo possível num universo sagrado e, consequentemente, como apresenta sua experiência total da vida em relação à experiência do homem privado de sentimento religioso, do homem que vive, ou deseja viver, num mundo dessacralizado" (ELIADE, 1992, p. 19).

Ou seja, na religião pentecostal que preza muito pelo afastamento com o "mundo", a utilização de músicas de caractere *gospel* preserva o universo do sagrado, na qual, seus adeptos precisam revelar em todos os aspectos da vida.

A música tem o poder, na sua forma melódica de invadir espaços no nosso imaginário que outras manifestações talvez não consigam. O psicanalista Sigmund Freud no século XIX já nos ensinava sobre como funciona nossa personalidade a partir da divisão do cérebro em *Id, Ego* e *Superego*. O sentimentalismo é uma das estratégias de manifestação do sagrado no pentecostalismo, e as letras de suas canções apresentam de forma instigante essa relação. Observe abaixo a letra do cantor conhecido no mundo *gospel Toinho de Aripibu*:

> Deixei a morte pela vida, deixei as trevas pela luz, deixei a guerra pela paz, Deixei o santo morto por Jesus. Deixei a mentira pela verdade, deixei o amargo pelo mel, deixei a pobreza pela riqueza, deixei o inferno pelo céu. Deixei a derrota pela vitória. Nesse negócio, eu me saí muito bem. Deixei o grito de gol pela glória. O Juazeiro deixei por Jerusalém. Deixei a senhora pelo Senhor, deixei a reza pela oração, deixei o catecismo pela Bíblia, deixei a hóstia pelo vinho e pelo pão. Deixei a missa pelo culto, deixei a vela pela verdadeira Luz. Ave-Maria deixei pelo Pai-Nosso, O purgatório pelo sangue de Jesus.[3]

O autor constrói a representação de duas realidades. A primeira, indicando práticas de uma vida fora da fé pentecostal, o dito "mundo", utilizando palavras como: "santo morto"; pobreza; "grito de gol", Juazeiro, "deixei a senhora [Maria]", reza, hóstia, missa, Ave-Maria e purgatório. Práticas essas que ligam ao catolicismo

[3] Letra da música disponível na Plataforma Letras: <https://www.letras.mus.br/toinho-de-aripibu/1206982/>. A música está inserida no Álbum *Não sou do mundo* (1999).



e ao futebol. Duas manifestações de massas de grande influência no Brasil. Chartier com o conceito de Representação, aponta que esta é entendida "como relação entre uma imagem presente e um objeto ausente." (1990: 184). Dessa forma, o artista relaciona o que está presente em seu imaginário - O maniqueísmo do que é sagrado e o secular. Do mundo que preciso afastar em nome da nova realidade.

Já na segunda, demonstra as práticas de uma nova vivência, após a aceitação da recém-adquirida religião, deixando as práticas que o ligavam a uma vida fora do sagrado. Utiliza um jogo de palavras de exaltação a nova vida. Dentro das igrejas pentecostais, observa-se uma educação religiosa de distanciamento do "mundo", em busca de uma preparação para uma vida, pós terra, um local aonde todas as sequelas sociais presentes no mundo, fruto do pecado, em uma linguagem cristã, não vai existir. Pois,

> Na medida em que se constituiu como uma manifestação religiosa dos pobres, e a partir de sua situação de pobreza, o movimento pentecostal se inseriu plenamente no contexto sociocultural brasileiro e aqui se desenvolveu como uma prática religiosa que exprimia os sofrimentos, as angústias e as esperanças dos setores populares (DIAS, 2011, p. 378).

A composição das músicas lembra uma literatura de cordel, devido a sua simetria e concordância de palavras. Com isso, percebemos, que no Nordeste, a música pentecostal será influenciada pelos ritmos locais – baião e forró – . O historiador Durval Muniz em seu célebre livro *A invenção do Nordeste*, nos elucida sobre a formação do conceito de regionalismo. Ele aponta que "determinadas práticas diferenciadoras dos diversos espaços são trazidas à luz, para dar materialidade a cada região" (2011:61). Ou seja, a forma como manifestamos a cultura popular diz muito sobre o local em que estamos, a valorização de espaços que nos remete a saudade seja do sertão, ou do ardor da prática religiosa típica do Nordeste.

Durval também nos informa que "discurso regionalista não é apenas um discurso ideológico, que desfiguraria uma pretensa essência do Nordeste ou de outra região. O discurso regionalista não mascara a verdade da região, ele a institui." (2011:62). Sabemos que esse conceito é atrelado a questão geográfica, do entender o Nordeste, a partir dos locais de saudade, contudo, ele nos ajuda a pensar o



regionalismo na sua forma de manifestação. Mostrando que todos independentemente do local de fala, são influenciados pelas materialidades que formam o sentimento da cultura nordestina, trazendo com isso, seu fortalecimento. Analise abaixo a música do Banda Sal da Terra, chamada Papa-Capim (2003):

> Quando a Cristo abracei/ Dei de mão para o pecado/ Vida velha eu deixei / Por Jesus fui transformado./ Só não deixei minha terra (pé de serra)/ Minha "caqueira de fulô"/ Meu carro de boi, arado/ Eu num deixei não "sinhô"/ Num "arrepare" se eu louvo/ De um modo diferente/ Se além de nordestino/ Em Nosso "Sinhô" sou crente/ Quando/ Cristo me salvou/ Me libertou da iniquidade/ Mas, minha cantoria minha terra não é imoralidade/ Meu chapéu de couro eu acho elegante/ A perneira, o gibão/ Já o paletó eu acho apertado/ Não me sinto bem nele não/ E eu não quero arremedar/ O sotaque americano/ Eu nasci foi no Nordeste/ Sou cristão pernambucano./ Hoje eu sou missionário – pregador/ Do Evangelho de Jesus/ Sigo ao meu povo mostrando/ O Caminho, o Amor e a Luz/ Sempre ao lado meu Mestre/ Vou cantando o meu baião/ Bendizendo o seu santo nome/ Com amor e devoção.[4]

Diferente do cantor *Toinho de Aripibu*, que apresenta um maniqueísmo em suas composições entre o sagrado e o profano/secular. A Banda Sal da Terra, faz a distinção do homem religioso com a cultura. Sua música também apresenta uma simetria que nos lembra uma literatura de cordel, a valorização da cultura popular nordestina e práticas do homem sertanejo. A relação do sagrado e secular é representada na forma da nova perspectiva que o ritmo é aplicado as palavras que manifestam a essência do sagrado. Como afirma Chartier "as representações não são discursos neutros: produzem estratégias e práticas tendentes a impor uma autoridade, uma deferência, e mesmo a legitimar escolhas" (1990:17 *Apud* CARVALHO, 2005, p. 149). Dessa forma, compreendemos que a forma de representar o sagrado e o profano são estratégias de legitimar os discursos, discursos estes, pentecostais de afastamento daquilo que ofende a santidade, entretanto a utilização de ritmos que atrai as massas favorece o crescimento de adeptos a fé pentecostal.

Para Mikhail Bakhtin em seu livro *Estética da criação verbal* (2003:91), "o homem na arte é o homem integral", ou seja, não podemos fragmentá-los.

[4] Letra da música disponível em:< https://conexaoide.com.br/opiniao-marcossaldaterra/> acessado em: 06 de dezembro/2019. A música está no Álbum: Papa-Capim, lançado em 2003.



Precisamos compreende-los na forma que manifesta o sagrado ou profano. Pois, segundo este filósofo, toda compreensão de um texto, seja ele falado ou escrito implica em sua *responsividade*, um juízo de valor. Uma vez que, ao utilizar os termos "*caqueira de fulô*", carro de boi ou a expressão "vou cantando meu baião", o artista liga-se a cultura popular, seu local de fala. De maneira idêntica quando afirma, "mas, minha cantoria minha terra não é imoralidade", Bakhtin pontua que "a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial". (2003: 95 *Apud* PEREIRA, 2014, p. 9). Em outras palavras, o discurso tem poder, e ele reflete o fortalecimento da cultura nordestina.

A relação entre sagrado e profano proposto na cultura pentecostal está bem enraizado no imaginário daqueles que professam essa fé. Seus discursos na maioria das vezes são carregados de uma intolerância religiosa. De uma negação ao diferente. Na relação "eu" e o "outro", o que define é a interpretação das práticas. Como afirma Eliade "o homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano (1992: 17). Por precisa sempre manifestar a santidade, o pentecostal se enxerga como pertencente do lado correto, enquanto aqueles que praticam práticas que ele condena precisam ser menosprezados. Essa má interpretação leva a casos de intolerância, muito forte na cultura brasileira que precisa ser fortemente combatido. E esse combate somente dará certo pela implementação de uma educação religiosa e de pessoas consciente dentro dos espaços religiosos que buscam interpretar escritos sagrados de maneira diferente, observando o meu próximo como iguais.

Considerações Finais

Dessa forma, o tema proposto busca estudar as transformações que ocorreram e continuam acontecendo no universo pentecostal. Desde sua chegada ao Brasil na década 1930 não se apresenta como um movimento homogêneo, sendo caracterizado por processos de rupturas e continuidades.

É notório pontuar que nesse processo, as igrejas consideradas tradicionais pentecostais, possuem uma ética que as diferem das igrejas históricas e das Neopentecostais. São avessas as massas, enquanto as igrejas Universal do Reino de Deus, Mundial do poder de Deus, Internacional da Graça, Deus é amor são entregues a práticas não-dogmáticas de manifestação do sagrado, pois adicionam a



seus rituais, práticas de outras religiões brasileiras, resultando com isso, uma mistura de manifestações do sagrado.

A História, como o grande pensador Francês March Bloch aponta, é a ciência dos homens no tempo. Portanto é necessário refletir sobre as quebras e continuidades para entender os fenômenos que surgem a partir disso, principalmente no imaginário dos seres humanos que experimentam sua atuação.

Referências

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ALMEIDA, Elza Oliveira de Souza. **THE MUSIC OF EVANGELICAL PENTECOSTAL MOVEMENT IN CONTEMPORARY PHENOMENON** AS GOIÂNIA. 2010. 123 f. Dissertação (Mestrado em Linguística, Letras e Artes) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010. Disponível em:< https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tde/2725/1/Elza%20oliveira.pdf> Acessado em:<07/12/2019.

BANDEIRA, Olívia. Música gospel no Brasil - reflexões em torno da bibliografia sobre o tema. **Relig. Sociedade**. Rio de Janeiro , v. 37, n. 2, p. 200-228, Dez. 2017. Disponível em:< http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872017000200200> acessado em: 08/12/2019.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CARVALHO, Francismar Alex Lopes de. O conceito de representações coletivas segundo Roger Chartier. **Diálogos.** v. 9, n. 1, p. 143-165, 2005. Disponível em:< http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/41423/21739> Acessado em: 07/12/2019.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, abril, 1991. Disponível em:< http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141991000100010> acessado em: 07 de dezembro/ 2019.

DIAS, Z. M. Um século de religiosidade Pentecostal: algumas notas sobre a irrupção, problemas e desafios do fenômeno Pentecostal. **HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 9, n. 22, p. 377-382, 11 set. 2011. Disponível em:< http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/2301> acessado em: 07/12/2019.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.



HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. 23. ed. São Paulo: Companhia das Letras. 2014.

MAGALHÃES, Lucilha de Oliveira. Introdução ao pensamento de Bakhtin. *Locus*: Revista de História, Juiz de Fora, v. 13, n. I, p. 210 – 215, 2007. Disponível em:< https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20662/11075> acessado em: 07/12/2019.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. Evangélicos e pentecostais: um campo religioso em ebulição. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). **As religiões no Brasil**: continuidades e rupturas. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

MORAES, Gerson Leite de. Neopentecostalismo: um conceito-obstáculo na compreensão do subcampo religioso pentecostal brasileiro. **Revista dos Estudos da Religião – REVER**, junho. 2010. p. 1-19. Disponível em:< http://www4.pucsp.br/rever/rv2_2010/t_moraes.pdf> acessado em: 07/12/2019.

SILVA, Felipe Rodrigues Alves da. (2013). **Uma história da música evangélica no Brasil – Análises e Perspectivas**. Disponível em:<http://nippromove.hospedagemdesites.ws/anais_simposio/arquivos_up/documentos/artigos/4e569e5075896ee460cf0041e3ccf8ed.pdf>. Acessado em 04 de dezembro de 2019.

PEREIRA, Sérgio Paulo de. **Música popular no Brasil e Protestantismo: Uma história de encontros e desencontros.** Anais eletrônicos do XXII Encontro Estadual de História da ANPUH-SP, Santos, 2014. Disponível em:< http://www.encontro2014.sp.anpuh.org/resources/anais/29/1399844006_ARQUIVO_MusicapopularnoBrasileprotestantismo_umahistoriadeencontrosedesencontros.pdf> Acessado em: 23/10/2019.